

A "Confraternidade Argentino-Paraguaia": uma revisão das relações entre Paraguai, Brasil e Argentina durante o stronismo.

Prof. Dr. Paulo Renato da Silva
Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)
paulo.silva@unila.edu.br

Durante a ditadura do general Alfredo Stroessner (1954-1989) se consolidou a aproximação entre o Paraguai e o Brasil. Por outro lado, nesse período, o Paraguai e a Argentina teriam se distanciado, o que teria colaborado para o enfraquecimento econômico e político dos argentinos no Cone Sul.

O peronismo é destacado como uma das causas desse processo. No Paraguai, o golpe de Estado de 1954, liderado por Stroessner, teria sido dado contra a crescente aproximação entre o governo do presidente Federico Chaves (1949-1954) e o de Juan Domingo Perón (1946-1955). Entretanto, após ser derrubado em 1955, Perón se exilou no Paraguai até 2 de novembro daquele ano, o que, por sua vez, teria afastado o país dos governos antiperonistas que se sucederam na Argentina, como o do general Eduardo Lonardi (setembro-novembro de 1955) e o do general Pedro Eugenio Aramburu (1955-1958).

Baseando-se, por exemplo, na construção de Itaipu, na migração de brasileiros para o Paraguai e nas – supostas – preferências de Stroessner e do Partido Colorado pelo Brasil, parte da historiografia analisa como inevitável a aproximação do Paraguai com o Brasil durante o stronismo, adotando uma perspectiva retrospectiva que desconsidera a historicidade do processo, suas tensões e indeterminação. A concessão de asilo a Perón, apesar do “antiperonismo” de Stroessner, é um exemplo disso. Tampouco interessava ao Paraguai descartar acordos e parcerias com a Argentina.

Além dos interesses econômicos e políticos expressivos de ambos os países, consideramos que a relação entre a Argentina e o Paraguai, no começo do stronismo, foi fortemente marcada pela reivindicação de elementos histórico-culturais em comum, um dos principais pilares da “confraternidade argentino-paraguaia”. Essa reivindicação marcou, por exemplo, a devolução dos troféus da Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870) aos paraguaios em 1954, quando Perón era presidente da Argentina.¹ Consideramos que essa reivindicação histórico-cultural foi fundamental para a Argentina contrabalancear o fortalecimento do Brasil na região, pois buscou aproximar as sociedades argentina e paraguaia, inclusive, sob um discurso “americanista”. Para o Paraguai, essa reivindicação permitiu o desenvolvimento de uma política internacional bidirecional com Argentina e Brasil, não necessariamente alinhada com os brasileiros.

Vejamos brevemente como algumas dessas questões aparecem na historiografia. Um dos principais pontos lembrados para apontar o afastamento do Paraguai em relação à Argentina é a construção da usina hidrelétrica de Itaipu com o Brasil, o que teria enfraquecido os argentinos na Bacia do Prata e demonstrado a “ineficiência” de sua diplomacia. Ainda durante a construção da usina, Alfredo da Mota Menezes destacou:

O que deve chamar a atenção é como os paraguaios ficaram firmes ao lado do Brasil, fato impossível no passado recente entre os dois países. Naturalmente que os paraguaios desejavam as outras duas usinas elétricas com os argentinos. Mas, àquela altura, o projeto Sete Quedas estava quase pronto e os projetos de Corpus e Yacerita, – provavelmente devido à incrível

¹ Os “troféus” se referem a um conjunto de bens públicos e particulares que tinham sido apropriados pelas tropas argentinas durante o confronto.

instabilidade política reinante na Argentina – estavam somente em conversações e muito longe de ser uma coisa real, como já o era o de Sete Quedas. Na dúvida, os paraguaios, que não são tolos e conheciam de perto a sua história e o seu relacionamento com a Argentina, abraçaram o Brasil.²

A “incrível instabilidade política” e a falta de projetos “concretos” da Argentina explicariam a opção do Paraguai pelo Brasil. Em tempo, a usina de Corpus não vingou. O acordo da usina de Yacyretá foi assinado em 1973, assim como o de Itaipu, mas a usina foi inaugurada somente em 1994, 10 anos depois da usina construída com o Brasil. Além dos fatores apontados por Menezes, Bernardo Neri Farina, ao comparar Itaipu e Yacyretá, acrescenta que “o caráter e a capacidade executiva” dos brasileiros pautaram a diferença entre a história das duas usinas:

(...) para marcar el carácter y la capacidad ejecutiva entre brasileños y argentinos, los primeros imprimieron un ritmo vertiginoso a Itaipú mientras los segundos perdieron mucho y valioso tiempo en disidencias internas y externas y en indefiniciones exasperantes que atrasaron las obras originando a la vez extremados sobrecostos.³

Outro processo frequentemente apontado para mostrar a aproximação entre Paraguai e Brasil durante o stonismo é a migração de milhares de brasileiros – os chamados brasiguaios – sobretudo para a região leste do Paraguai. A ditadura Stroessner tinha como uma de suas metas a “colonização” do leste paraguaio, para desenvolver ali uma agricultura direcionada para o mercado externo, que rompesse, assim, com a “economia tradicional” que caracterizava áreas importantes do país.⁴ No Brasil, a crescente mecanização do campo e a incorporação de pequenas e de médias propriedades por latifúndios, principalmente no Estado do Paraná, colaboraram para que um contingente expressivo de camponeses e de pequenos e médios proprietários migrasse para o Paraguai, onde as terras eram mais baratas e havia maior liberdade para os estrangeiros adquirirem propriedades. Assim como no caso de Itaipu, é interessante como o discurso da “eficiência” e da “dedicação” dos brasileiros também está presente na explicação desse processo:

Para as autoridades brasileiras e para os paraguaios vivendo nas cidades de fronteiras, a presença de brasileiros no setor agrícola era uma dádiva divina para o Paraguai. Para eles, os brasileiros estavam melhorando a agricultura do país e promovendo o desenvolvimento de algumas áreas que não possuíam antes nenhuma técnica agrícola e, ainda, dando exemplos aos outros com o seu trabalho duro e diuturno. O Capitão Roberto Valdez, Inspetor Geral da Imigração no Paraguai, disse que a colonização daquela área com brasileiros seria bem mais rápida. (...). No entanto, continuava Valdez, o governo paraguaio desejava somente trabalhadores bons e eficientes para ajudar naquele desenvolvimento, pois de “malandros e vagabundos nós estamos cheios”.⁵

² MENEZES, Alfredo da Mota. *A Herança de Stroessner: Brasil-Paraguai (1955-1980)*. Campinas, SP: Papirus, 1987. p. 100.

³ FARINA, Bernardo Neri. *El Último Supremo: la crónica de Alfredo Stroessner*. 4ª ed. Asunción: El Lector, 2003. p. 153.

⁴ Resumidamente, consideramos que a “economia tradicional” engloba o conjunto de práticas relacionadas a uma concepção e uso comunal da terra por comunidades camponesas e/ou indígenas.

⁵ MENEZES, op. cit., p. 157.

Não se trata de questionar o estreitamento das relações entre Paraguai e Brasil durante o stronismo. Porém, a historiografia não pode simplesmente reproduzir os discursos políticos – autoritários – que foram usados para legitimar a aproximação entre o Paraguai e o Brasil, discursos estes pautados pelas noções de “desenvolvimento” e de “progresso”, dentre outros pontos. Como destaca Lorena Soler, “(...) la ruptura de la hegemonía argentina demoraría algunos años en llegar. (...). De hecho, [apenas] a partir de 1980 Brasil se convirtió en el principal socio comercial del Paraguay, desplazando a la Argentina de esta histórica posición.⁶ Além disso, é necessário ir além dos âmbitos econômico e político e considerar os processos culturais, diretamente envolvidos *ou não* nos acordos entre os países. Consideramos que os processos culturais nos permitem apreender mais amplamente o papel da sociedade de cada país nas relações entre o Paraguai, o Brasil e a Argentina.

A respeito da suposta inclinação do Partido Colorado pelo Brasil e do Partido Liberal pela Argentina, Lorena Soler destaca que não necessariamente correspondem a posições assumidas por ambos os partidos e que se tratam de releituras da história paraguaia empreendidas para justificar e legitimar posicionamentos posteriores tomados por colorados e liberais:

La mayoría de los trabajos referentes al Partido Liberal y al Partido Colorado sostienen que ambos estuvieron influenciados por los intereses y capitales pertenecientes, respectivamente, a Argentina y Brasil (...). Tales diferenciaciones responden mucho más a las relecturas del pasado que se iniciaron tímidamente a finales del siglo XIX y se cristalizaron en 1920, exacerbadas con la dictadura stronista y la redirección de la política exterior con Brasil.⁷

Além de questionar que o Partido Colorado tivesse necessariamente uma inclinação favorável ao Brasil, Soler distingue a relação que o Paraguai de Stroessner estabeleceu com a Argentina e o Brasil em dois níveis: um geopolítico e o outro simbólico-cultural. Segundo a autora, o desempenho do Brasil nos dois níveis não foi o mesmo:

En términos simbólicos Brasil no corrió nunca con la misma suerte que Argentina. Aunque como vimos el Estado brasileño desarrolló estrategias de integración geopolítica, que efectivamente posibilitaron romper con la hegemonía económica argentina, las resistencias simbólicas han sido, amén de duraderas, mucho más complejas.⁸

Isso não quer dizer que a Argentina não tenha tido “estratégias de integração geopolítica” com o Paraguai. Apenas para citar um exemplo, em 1953, Perón e Federico Chaves assinaram o “Convenio de Unión Económica Paraguayo-Argentina”. Mas, pautados em Soler, consideramos que, no caso da Argentina – e do Paraguai –, a (re)elaboração de uma memória histórico-cultural em comum em torno da “confraternidade argentino-paraguaia” teria facilitado a legitimação dessas estratégias, principalmente quando comparamos com o Brasil. Apesar das críticas, Stroessner, inicialmente, manteve o Convênio.

No que consistia o apelo à “confraternidade argentino-paraguaia”? Conforme destaca Liliana M. Brezzo, a política exterior de Perón com outros países da América de

⁶ SOLER, Lorena. *Paraguay, la Larga Invención del Golpe: el stronismo y el orden político paraguayo*. 1ª ed. Buenos Aires: Imago Mundi, 2012. p. 108-109.

⁷ *Ibid.*, p. 41-42.

⁸ *Ibid.*, p. 131-132.

colonização espanhola foi marcada pela perspectiva da “nação histórica”, ou seja, a Argentina e estes países teriam uma mesma origem histórico-cultural.⁹ No caso da “confraternidade argentino-paraguaia”¹⁰, dentre outros pontos, era lembrado que Assunção foi fundada por uma expedição que partiu da “primeira” Buenos Aires e que a segunda e definitiva fundação de Buenos Aires foi possível graças a um grupo que saiu de Assunção. Destacava-se a participação de “paraguaios” na defesa de Buenos Aires contra as invasões inglesas do início do século XIX. Era recordado que paraguaios atuaram nas tropas de San Martín, “O Libertador” da Argentina. Também se destacava que, em 1859, Francisco Solano López, então Ministro da Guerra de Carlos Antonio López, atuou como mediador entre a Confederação Argentina e Buenos Aires, com o objetivo de colocar um ponto final nas guerras civis que dividiam o país.

A lembrança desses elementos formadores da “confraternidade” era acompanhada por uma tentativa de minimizar os momentos de tensão entre a Argentina e o Paraguai. A Guerra da Tríplice Aliança aparece como um exemplo das “divergências transitórias” entre os dois povos e teria sido alimentada pelo imperialismo inglês e brasileiro, o que é defendido inclusive em fontes paraguaias: logo, não se percebe uma inclinação “natural” de Stroessner e do Partido Colorado em direção ao Brasil. A independência do Paraguai em 1811 em relação a Buenos Aires tampouco teria criado animosidades entre argentinos e paraguaios. Era citado que o general argentino Manuel Belgrano considerava os paraguaios como seus “paisanos”. Entretanto, Belgrano comandou tropas contra a Província do Paraguai, pois esta não aceitava o governo formado em Buenos Aires após a Revolução de Maio (1810). Belgrano foi vencido e a sua derrota é um dos “marcos” da independência paraguaia.

Todos esses pontos são reiteradamente evocados diante da assinatura do “Convenio de Unión Económica Paraguayo-Argentina” e da devolução dos troféus da Guerra da Tríplice Aliança. Contudo, parece haver uma tentativa de “desperonização” da “confraternidade”, possivelmente para conter os setores do Partido Colorado e da sociedade paraguaia contrários à aproximação com Perón. A devolução dos troféus aparece como o resultado “natural” de um processo iniciado bem antes: procura-se, assim, desvincular a devolução dos troféus dos interesses econômicos e políticos argentinos. Aqui cabe ressaltar um aspecto importante, não desenvolvido satisfatoriamente pela historiografia: os setores colorados e paraguaios contrários à

⁹ BREZZO, Liliana M. *La Devolución de los Trofeos de Guerra*. Asunción: El Lector; ABC Color, 2014. (Colección 150 Años de la Guerra Grande).

¹⁰ A pesquisa de arquivo tem priorizado o período entre 1953 – quando Perón visita o Paraguai para concretizar, junto ao presidente Federico Chaves, o “Convenio de Unión Económica Paraguayo-Argentina” – e 1955 – quando Perón, já sob o governo de Stroessner, deixa o Paraguai para continuar o seu exílio pela América e Europa. Dentre as fontes previamente analisadas estão publicações dos dois governos para celebrar e divulgar as visitas de Perón ao Paraguai em 1953 e 1954, tais como: O’Leary, Juan E. *Confraternidad Paraguayo-Argentina: palabras de sinceridad que aclaran el pasado y el presente*. Asunción: Imprenta Nacional, 1954; PRESIDENCIA DE LA NACIÓN ARGENTINA. SUBSECRETARÍA DE INFORMACIONES. *La Amistad de dos Pueblos Hermanos en la Palabra de Perón y Chaves*. Buenos Aires: 1953 e PRESIDENCIA DE LA NACIÓN. SECRETARÍA DE PRENSA Y DIFUSIÓN. *Perón y Stroessner: símbolos de paz*. Dentre as fontes também estão dois periódicos, um argentino e outro paraguaio, ambos ligados aos governos de seus países: o jornal paraguaio *Patria*, controlado pelo Partido Colorado de Stroessner e o jornal argentino *La Prensa*, então sob controle da Confederação Geral do Trabalho (CGT), aliada de Perón. Conforme alertam autores como Maria Helena Rolim Capelato em *Imprensa e História do Brasil* (São Paulo: Contexto; EDUSP, 1988), a imprensa não deve ser analisada como sinônimo da opinião pública. Contudo, pautados em autores como Robert Darnton em *Os Best-Sellers Proibidos da França Pré-Revolucionária* (São Paulo: Companhia das Letras, 1998), consideramos que a imprensa seja um espaço de interações e tensões entre uma opinião pública existente – ou supostamente existente – e outra que se deseja formar ou consolidar, o que consideramos fundamental para apreender a indeterminação das relações entre Paraguai, Argentina e Brasil no período.

aproximação com Perón não necessariamente eram contra a Argentina. Daí, nos parece, o esforço para enraizar a “confraternidade” na história dos dois povos, muito além do período peronista.

Segundo Farina, a devolução dos troféus foi um “golpe emocional” nos paraguaios. Discordamos dessa posição, pois pode sugerir que houve um automático e incondicional alinhamento do Paraguai – e dos paraguaios – com a Argentina de Perón. A “desperonização” da “confraternidade”, citada acima, é um exemplo que contraria a perspectiva do “golpe emocional”. Não houve uma simples adesão e sim uma *apropriação* do discurso peronista, para que a “doutrina” do presidente argentino, marcada pela “soberania política” e “justiça social”, realmente pautasse a relação entre os dois países. Não é casual que, dias após a entrega dos troféus, a Argentina e o Paraguai tenham anunciado uma mudança no sistema cambiário entre os dois países, o que tinha sido demandado pelos paraguaios para “efetivar” o Convênio de 1953. Na memória da “confraternidade”, os paraguaios reivindicam/ocupam um papel ativo no processo – a segunda fundação de Buenos Aires, a luta contra as invasões inglesas, a participação nas tropas de San Martín, etc. –, o que legitimava a busca de equilíbrio nas relações com a Argentina.

Em seu recente e detalhado livro sobre a devolução dos troféus, Liliana M. Brezzo conclui que o gesto argentino teve “um intenso impacto”, mas “foi breve”.¹¹ Discordamos da autora, pois a devolução continua presente na memória das duas sociedades. Se o impacto da devolução tivesse sido breve, este livro de Brezzo não faria parte de uma coleção paraguaia organizada pelo jornal *ABC Color* e pela editora El Lector sobre os 150 anos do início da Guerra da Tríplice Aliança. A devolução continua, inclusive, envolvendo as políticas estatais: em 2013, a presidente da Argentina Cristina Kirchner prometeu devolver ao Paraguai outros bens, que teriam pertencido a Solano López.¹²

Vale ressaltar que a relação entre o Paraguai e o Brasil também foi caracterizada por elementos simbólico-culturais. Ricardo Yegros e Liliana M. Brezzo lembram, por exemplo, que desde “(...) 1944 actuó en Asunción una Misión Cultural Brasileña, que contribuyó a la conformación de la Escuela de Humanidades, transformada luego en Facultad de Filosofía.”¹³ Conforme desenvolve Ceres Moraes, a Missão Cultural Brasileira no Paraguai continuou nas décadas seguintes. Dentre outras medidas, difundiu o ensino do português, viabilizou a ida de professores universitários brasileiros, desenvolveu atividades artístico-culturais e revisou livros didáticos para conter animosidades entre os dois países.¹⁴ No entanto, consideramos que a relação da Argentina e do Brasil com o Paraguai, nesse aspecto, foi marcada por uma diferença fundamental: enquanto o Brasil passou a difundir a cultura brasileira no país, a Argentina reivindicou a existência de uma *unidade histórico-cultural* entre os argentinos e os paraguaios.

¹¹ BREZZO, op. cit., p. 84.

¹² ULTIMA HORA. Cristina Fernández Devolverá Trofeos de Guerra. Asunción, 10 set. 2013. Disponível em: <<http://www.ultimahora.com/cristina-fernandez-devolvera-trofeos-guerra-n721313.html>>. Acesso em: 24 abr. 2014; MINISTERIO DE CULTURA Y COMUNICACIÓN, GOBIERNO DE ENTRE RÍOS. Cristina Devolverá el Mobiliario de Solano López en su Próxima Visita a Paraguay. Disponível em: <<http://www.entrerios.gov.ar/noticias/nota.php?id=36082>>. Acesso em: 24 abr. 2014. Em tempo, muitos troféus devolvidos pela Argentina estão no Instituto de História e Museu Militar do Ministério da Defesa do Paraguai.

¹³ BREZZO, Liliana M.; YEGROS, Ricardo Scavone. *Historia de las Relaciones Internacionales del Paraguay*. Asunción: El Lector; ABC Color, 2010. p. 135.

¹⁴ MORAES, Ceres. *Paraguai: a consolidação da ditadura de Stroessner (1954-1963)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.